

2 Luiz Edmundo: Biografia

A biografia escrita no presente trabalho foi elaborada a partir da leitura das memórias¹ do “dândi”² em questão, Luiz Edmundo. Ao fazer o exercício de escrevê-la através deste material, totalmente comprometido afetivamente com o ator principal desta cena, penso ter, sem uma primeira intenção, analisado um texto que permite, ao leitor, conhecer o que o autor considerava como a mais fina flor, não só de sua personalidade, mas também de seu tempo.

Ao expor o lado positivo do período entendido por ele como moderno, podemos, por antítese, entender quais eram os pontos negativos, não só do tempo passado, (principalmente dos períodos que compreendem a colônia e o Império, este último seu período de infância), como também do seu tempo presente, o tempo que era, no plano político, o da república, mas que o autor considerava importante por ser aquele da *modernidade*.

Outro ponto bastante interessante, já que o autor vive durante oitenta e três anos, vendo muitas mudanças no plano político, econômico e sócio-cultural da Cidade do Rio de Janeiro e do país, é perceber até quando este é capaz de absorver e se dar conta das mudanças que ocorriam. Algumas são muito festejadas, conscientes. Já outras não são mencionadas, ou então dão lugar àquelas memórias do Rio de Janeiro de sua meninice, já aqui repletas de características positivas, nostalgia, saudades.

As saudades aparecem quando a modernidade já não é, em um determinado período da sua vida, tão bem-vinda assim. Poderia dizer não ser mais, a modernidade que o autor experimenta, em um determinado momento, a tal modernidade de seu tempo. Esta passa, com a juventude.

Sua modernidade possui, com isto, uma noção própria, peculiar. Poderíamos dizer, então, que existia uma modernidade desejada por sua *geração*, e uma

¹ EDMUNDO, L., *De um livro de Memórias*, v. 1, p.5 et seq.

² BAUDELAIRE*, C., *Sobre a Modernidade*, p. 47 et. seq.

modernidade afetiva, aquela que serve até para o autor descrever sua família, seus gostos e seu “espírito”.

Este último é entendido, no caso de Luiz Edmundo, como uma entidade pessoal que cada moderno teria e que seria responsável por uma maneira leve e irreverente de observar a vida, contrária aos padrões comportamentais existentes no período histórico brasileiro entendido como “atrasado”, para o autor, e que teria ligação direta com gostos e costumes mundanos.

O que resolvo chamar de modernidade afetiva, se desenvolve, logicamente, pelo modelo de modernidade existente em sua época. Porém também leva em consideração, como um texto de memórias nos permite, pensar no que o autor vê de moderno em si mesmo e nos outros, Modernidade esta que está modelada, assim seja, pela maneira própria, única, do autor ver a vida.

Fazendo esta ressalva, deve ser dito, aqui, que existe uma biografia, pouco detalhada em informações íntimas, apesar de precisa em termos da listagem das produções intelectuais do autor, no site³ da Academia Brasileira de Letras, onde Luiz Edmundo ocupou a cadeira de número 33 em 2 de agosto de 1944. Entretanto, a Academia supõe, pela leitura de suas obras, ser o autor um adesionista de uma série de correntes literárias, como o Simbolismo e o Parnasianismo.

O curioso é que o autor, em suas Memórias, argumenta não ter sido adepto de nenhum movimento literário, o que dá uma nova dimensão à sua vida intelectual. Dito isto, escrever uma biografia a partir de suas próprias Memórias torna possível pensar em sua vida social, afetiva e intelectual de uma forma provavelmente mais coerente com aquela que o autor gostaria de ser pensado, ou se pensava.

A fim de organizar sua biografia, utilizarei a seguinte divisão: Em um primeiro momento, será revelada a história da família, influência dos pais e dos avós. Em um segundo momento, falarei da formação intelectual do autor, suas ocupações e, por fim, as obras por ele produzidas. Em um trabalho que pretende falar da Modernidade de Luiz Edmundo, nada mais adequado do que expor, através de sua

³ Luiz Edmundo. Desenvolvido pela Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.academia.org.br/imortais/frame10.htm>. Acesso em: 27 de maio. 2006.

própria história de vida, desde criança, o que nosso jornalista pensava ser moderno ou semente germinadora de uma possível modernidade.

2.1. Família

Luiz Edmundo, (Luiz Edmundo de Melo Pereira da Costa), nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 26 de junho de 1878 e lá faleceu em 8 de dezembro de 1961.

Seu pai, também carioca, chamava-se Edmundo Pereira da Costa. Fez este, aos 17 anos, um concurso para professor das escolas da Municipalidade. Fora aprovado, e nomeado para tal cargo, apesar de só tê-lo ocupado, efetivamente, após a Proclamação da República, quando foi promovido a professor catedrático. Durante o Império, trabalhava como guarda-livros.⁴ Para completar a renda familiar, já que os salários pagos pela municipalidade eram muito baixos, trabalhava fora dando aulas particulares de Português, Matemática e Escrituração Mercantil, além de fazer escritas para pequenas casas comerciais. E assim se encerra, no primeiro volume de suas *Memórias*, a descrição das ocupações de seu pai.

De nada, para Luiz Edmundo, valeria esta descrição caso não viesse ela acompanhada da descrição da compleição física e do humor de seu pai. Estes dados, para o autor, são reveladores de toda a potencialidade do indivíduo, mesmo que este não as tenha desenvolvido em toda a sua plenitude. Para o autor, seu pai:

“Era um homem alto, de porte airoso, fronte larga e um bigodinho curto e cheio a sombrear-lhe os lábios finos, onde um eterno cigarro fumegava e luzia. Autodidata, amava os livros e o convívio com pessoas de saber e de espírito. (...). Era um “causeur” alegre e divertido, orador fluente, sendo que redigia com acerto e até com muita elevação, só por displicência ou timidez não publicando aquilo que escrevia”⁵

⁴ EDMUNDO, L., *De um livro de Memórias*, vol. 1, p. 21.

⁵ Ibid., p. 17.

Tinha seu pai, também, grande pendor para a obra dos poetas, fazendo nosso jornalista decorar, desde muito cedo, suas poesias preferidas para que pudesse recitá-las, ainda pequeno, nas festividades familiares. Descrevia seu pai, também, como um homem tímido, sem grandes ambições e modesto. Resignado e satisfeito. Não era homem de aparecer, era um “conformado”.

A mãe do autor, Maria Joana Melo Pereira da Costa, é descrita por ele como uma mulher de muita ação e personalidade, em oposição a seu pai. Ela casou-se com seu pai em 1877, sem marcha nupcial e maiores festividades, quando tinha 20 anos e seu pai, 18, dado que para Luiz Edmundo só servia para reforçar a tese que este tinha de sua mãe possuir uma personalidade forte ⁶, pois havia tido a coragem de se casar com um homem mais jovem.

Não era uma mulher bonita, mas tinha o dom de uma “graça petulante e viva”. ⁷Era o autor um admirador da personalidade forte de sua mãe, atribuindo a esta a administração bem sucedida dos poucos bens que a família possuía, além do estímulo que ela dava a seu pai para que ele desempenhasse o papel do homem provedor e também corajoso, impetuoso. Para a sua mãe, o marido não era “um homem de seu tempo” ⁸, pois lhe faltavam a ambição e a vontade de mudança. Como estas falas estão presentes nas memórias de Luiz Edmundo, sendo este que dá a palavra a todos os seus personagens, é de se pensar que o desejo de ter um pai “ousado” fosse mais do autor do que de sua mãe, que, afinal, era uma mulher do seu tempo. A ambição e a vontade de mudanças seriam duas das principais características dos homens de letras da geração do autor destas memórias, o que é em si esclarecedor.

Como uma mulher de seu tempo, aliás, era sua mãe católica:

“(...) desse catolicismo brasileiro que muito mais repousa na superstição do que na fé, tinha sempre na boca o santo nome de Jesus, e de Maria, educando-me menos no amor do que no terror de Deus, que aos meus amedrontados olhos sempre surgiu como um ser cruel, vingativo e feroz, punindo, sem piedade, os descuidos, as desatenções e os pequenos delitos das crianças”. ⁹

⁶ Ibid., p. 31.

⁷ Ibid., p. 32.

⁸ Ibid., p. 21.

⁹ Ibid., p. 32.

A este comportamento, bastante exagerado em sua opinião, Luiz Edmundo deve, embora de um jeito não muito adequado, o despertar de seu interesse pela crença religiosa na infância, dado que não é mais mencionado ao longo de suas memórias, exceto como característica pitoresca da população carioca quando este passa a observá-la, com mais atenção, na fase da vida em que passa a se dedicar ao jornalismo.

Os avós maternos e paternos também ocupam um local de destaque em sua memória afetiva de infância. Suas contribuições aparecem através dos pendores artísticos que possuíam e que passaram para seus pais que, por consequência, influenciaram o autor. A narrativa é por ele construída de tal forma que, quem a lê tem a sensação de que estava o menino, inevitavelmente, destinado a “ser moderno”.

Seu avô paterno, Bernardo Pinto de Souza era um português que, nascido em Coimbra, chegou ao Brasil em 1835, aos 21 anos de idade. Em 1839, foi nomeado Oficial maior do Governo Provincial de Minas e, mais tarde, administrador geral dos Correios da Província. Jornalista, (informação muito significativa para o autor), fundou e dirigiu o “Recreador Mineiro”, jornal que durou de 1845 a 1848. Sua avó, Guilhermina, nascera em Hamburgo, filha de pai brasileiro e mãe alemã. O casal se separa quando o pai do autor é ainda criança, por causa do “temperamento boêmio” de seu avô.¹⁰ Ter um avô que fôra jornalista e boêmio, para um homem de sua geração, significava já ter um bom histórico de família.

Por parte dos avós maternos o autor também estava bem servido. Sua mãe era filha de Maria José, uma típica dona de casa carioca, cheia de crendices e de Amaro Ferreira de Melo, um artista que dominava com destreza a harpa, o violino e o violoncelo, além de pintar á óleo e aquarela.¹¹ Segundo Luiz Edmundo, ele tinha “alma de artista”¹², e um temperamento alegre e pacato. Dava aulas de música para a

¹⁰ Ibid., p. 41 et. seq.

¹¹ Ibid., p. 53 et. seq.

¹² Ibid., p. 53.

Municipalidade e se aposentou com oitenta anos, sendo serventuário do imperador Pedro II até a proclamação da república. Tiveram 17 filhos seus avós maternos

Foi na companhia deste avô, que amava a natureza, que Luiz Edmundo conheceu as praias e as matas cariocas. De acordo com depoimento do autor:

“Em sua companhia, muitas vezes, subi pelo sinuoso e irregular caminho que existiu, quando acabava a Real Grandeza, exígua estrada que ligava, pela alterosa linha da montanha, o bairro de Botafogo á parte onde hoje assentam os bairros novos que se chamam Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon, vereda de pequena extensão, mas um tanto difícil de subir”.¹³

Nesta trilha, observando a orla, o autor via seu avô pintar a natureza, “grandiosa e sobrenatural”¹⁴. No entanto, a beleza que impressionava o autor era outra: aquela que era fruto de uma modernidade, como se pode observar no seguinte comentário:

““Quem viu essa Copacabana de há 60 anos atrás e hoje a revê no labirinto de suas elegantes ruas, na lindeza de suas praças ajardinadas, para o alto erguendo a massa altiva e triunfal de seus arranha-céus, a desconhece por completo””.¹⁵

A família, principalmente a ala masculina, exibia então, a mais de uma geração, os pendores artísticos que Luiz Edmundo achava ter herdado. Mais do que isto, estavam presentes, tanto na exploração que seu avô paterno fazia pelas trilhas da natureza carioca, quanto no temperamento de sua mãe, certa curiosidade e ousadia, requisitos também necessários para aquele que pretende se julgar, e ser julgado, como moderno a partir da primeira metade do século XX. Ousadia também havia, em outro nível, na história de vida de seu bisavô paterno, que era um:

““ (...) exaltado patriota, combateu contra as tropas portuguesas nas guerras da Independência, na Bahia. Segundo as tradições guardadas na família, era homem de esplêndida bravura, impulsivo, violento e comprador de brigas””.¹⁶

¹³Ibid., p. 56.

¹⁴Ibid., p. 57.

¹⁵ Ibid., p. 57.

¹⁶ Ibid., p. 53.

No que se refere á dimensão familiar, duas características devem ser ressaltadas para o entendimento das memórias de Luiz Edmundo: Em um primeiro momento, para o autor, descrever os avós maternos e paternos e os pais, significa poder entender o que o levou a ser o homem que este é no momento em que escreve suas memórias, data que apesar de não aparecer especificada, penso ter se dado entre os anos de 1940 e 1950.

Em um momento posterior, a descrição também se faz necessária para que seja delimitada a marca de uma grande diferença entre a sua geração e a geração de seus pais e seus avós. Esta diferenciação se dá por uma quebra histórica: a quebra de costumes do período Imperial em relação ao período republicano, efetuada pelo surgimento de hábitos e comportamentos novos, típicos de uma Modernidade. Para tentar compreender o porquê deste pensamento vale a pena analisar a formação intelectual do autor, seu grau de instrução e suas ocupações, para que, a partir daí, possa ser feito um mapeamento dos locais que este freqüentava e com que tipo de pessoas mantinha afinidades.

2.2. Formação Intelectual e Ocupações

Como seu pai era guarda-livros e professor, esteve o autor sempre cercado de um ambiente que propiciava o aprendizado, mesmo tendo a sua família um baixo padrão financeiro.

Relembra o autor de ter morado, lá pelos seus cinco ou seis anos de idade, em pelo menos duas residências, todas de alguma forma relacionadas á escolas, local de trabalho de seu pai. Nas escolas, ou a família do autor residiu, ou então foram morar em algum lugar próximo a elas.

Desempenha assim, a escola, um papel muito importante na vida do autor, tanto do ponto de vista financeiro quanto do ponto de vista social, na medida em que á instrução se ligava todo o benefício social do qual desfrutava sua família.

A primeira casa em que habitou era, pois, uma escola, onde seu pai trabalhava como diretor e que se encontrava na rua Marquês de São Vicente, na Gávea.¹⁷

Ali a família gozava a vantagem de não precisar pagar aluguel, dado que não é anunciado com muita clareza pelo autor, mas que pode ser deduzido pela queda do padrão de vida que a família sofre quando seu pai é transferido da escola da Gávea, lá pelos anos de 1883 ou 1884, por questões políticas, para uma escola em Botafogo.

Por conta desta transferência de local de trabalho de seu pai, que passa a exercer o cargo de professor adjunto em um colégio, na Rua da Matriz, a família do autor é obrigada a se mudar para este último bairro, desta vez sem direito á casa.¹⁸ Foram morar, então, em uma pequena casa na rua Visconde de Caravelas, que é descrita pelo autor como uma “habitação pobre”. Nesta segunda escola onde seu pai lecionou, chamada “Alves Lisboa”, o autor se alfabetizou e cursou o que seria, atualmente, o equivalente ao ensino primário.¹⁹

Em 1887, seu pai passou a trabalhar como guarda-livros em um famoso instituto de ensino para meninos, o “Colégio Abílio”, situado na praia de Botafogo.

De acordo com Luiz Edmundo, a situação financeira da família não melhorara significativamente, mas pelo menos o salário um pouquinho mais alto poupava seu pai de correr de casa de comércio em casa de comércio para trabalhar com escrituras.²⁰

O capítulo mais importante no que diz respeito á formação do autor é justamente o que trata de seu ingresso neste colégio de prestígio.

O título dado pelo autor a este é “Lê Destin est Maître”²¹, pois consegue o autor ingressar nesta escola por mero acaso, devido á sua curiosidade. Explica Luiz Edmundo que:

“No Brasil desse tempo, não existia um estabelecimento, no gênero, que com ele pudesse competir. Instalações modelares. Corpo de professores escolhidos entre os de maior renome na cidade. Modernos métodos de ensino, e ao leme da direção, um homem

¹⁷ Ibid., p. 64.

¹⁸ Ibid., p. 64.

¹⁹ Ibid., p. 103.

²⁰ Ibid., p.211.

²¹ Ibid., p. 209 et. seq.

de admirável competência, considerado como um dos maiores entre os pedagogos do país”.²²

Era também a escola onde se matriculava “a flor de nossa juventude, bem nascida e abastada, um verdadeiro instituto de nobres”²³, aonde até alunos de províncias distantes vinham estudar.

Sua entrada nesta escola comprova, mais uma vez, que o autor estava “destinado” a ter uma formação diferenciada, a ser um futuro contribuinte de uma determinada modernidade. Conta Luiz Edmundo que, curioso de tanto ouvir falar de tal instituição, pede ao pai que um dia o leve até lá, para conhecer o local. Seu pai, que é apenas um guarda-livros, o leva ao colégio em um dia de domingo, dia em que esta se encontraria fechada, para que o menino pudesse apenas conhecer suas instalações.

Nesta visita o autor tem contato, entre outros itens, com salões vastamente decorados, mapas, retratos, inscrições em latim, desenhos, aparelhos de ginástica, e um esqueleto humano, o primeiro que vira na vida. De todas as coisas que vê nesta grande escola o que mais o impressiona é o esqueleto humano e é através da curiosidade de rever o esqueleto que o autor conhece, acidentalmente, o diretor do colégio, o barão de Macaúbas.²⁴

Abílio César Borges, o barão de Macaúbas, pertence à geração literária, segundo Machado Neto²⁵, que vai de 1818 a 1832, e que teria sido a primeira geração, na visão deste cientista social, a causar grande impacto em nossas Letras.²⁶ O impacto ocorre por ser esta a geração indianista de Gonçalves Dias e José de Alencar, além de ser a esta geração que vai se referir, em suas críticas, a geração seguinte, na qual situa Castro Alves, Machado de Assis, Tobias Barreto, Benjamin Constant, entre outros.

O barão de Macaúbas, como a maioria dos intelectuais de seu tempo, era autodidata no campo das letras, no entanto, formado em outra especialidade, no caso, a Medicina. Em se tratando o Colégio Abílio de uma instituição particular, talvez o

²² Ibid., p. 212.

²³ Ibid., p. 212.

²⁴ Ibid., p. 221.

²⁵ NETO, A. L. M., *Estrutura Social da República das Letras*, p. 247.

²⁶ Ibid., p. 39.

barão de Macaúbas tenha sido um dos poucos intelectuais que conseguiram ganhar dinheiro com o ensino sem precisar almejar, através deste, um cargo público, ao contrário do que acontecia com a maior parte dos intelectuais que viu a entrada do século XX.

Ao conhecer Luiz Edmundo, que possuía na época sete anos de idade, e saber que se tratava do filho de um de seus funcionários, o barão de Macaúbas oferece ao pai do autor uma vaga para seu filho, que seria aluno regular da instituição em regime de internato.

Para o autor, o que impressionou o diretor do colégio foi a sua “ousadia no falar”, a sua “coragem”, diante do esqueleto e a sua “curiosidade”, o que demonstrava uma vontade de aprender. A curiosidade é mais uma das principais características do homem moderno de seu tempo e, ao longo de suas memórias, o autor procura sempre demonstrar como a mantém viva. Seu principal recurso, ao longo da vida, para tanto, foi a observação do meio.

Para ingressar no colégio o autor deveria levar consigo um enxoval, que deveria incluir uniformes, roupas de cama e utensílios de mesa. Dispensado dessas obrigações, já que a família do autor não possuía dinheiro, foi Luiz Edmundo morar no colégio, aos oito anos de idade, até completar seu curso, aos quinze anos.

Como matérias regulares, o autor e a classe de alunos privilegiados da instituição possuíam: História, Geografia, Corografia e Cosmografia, Português, (ensinado através dos livros clássicos portugueses), Canto Coral e Música, Francês, Inglês, Latim e Religião, Matemática e Filosofia e Retórica.²⁷

Destas matérias, o autor só declara antipatia às aulas de Língua Portuguesa, por não ser a língua ensinada na escola como era falada e escrita no Brasil, (problema que depois envolverá os homens de letras de sua geração), e Matemática, por não conseguir compreendê-la.

Seu amor pela literatura e suas tentativas literárias, entretanto, começou cedo, mesmo antes de Luiz Edmundo entrar neste último colégio. Explica o autor que, desde que a família residia na Gávea, estes possuíam o hábito de freqüentar um pequeno teatro de amadores neste mesmo bairro, situado na rua Marquês de São

²⁷ EDMUNDO, L., *De um Livro de Memórias*, p. 273 et. seq.

Vicente.²⁸ No dia imediato após assistir os recitais o autor se punha a repeti-los para a família. Este hábito o levou a montar, com o filho do diretor do colégio onde estudava na época, (Colégio Alves Lisboa), uma peça de teatro para a vizinhança.

A idéia do autor, ao contar este episódio, aparece, numa primeira observação, como uma tentativa de contar uma história engraçada, como o próprio diria, uma “anedota” sobre a sua infância. Mas, num segundo momento, se pode perceber, pela maneira como o autor constrói sua narrativa, que já se tratava a tal peça montada por ele na infância de um sinal pessoal de amor pelas artes, um dom.

Para além deste sentimento para com as letras, há também a presença da sua própria personalidade como veículo que possibilita dar nota única a qualquer manifestação artística.

Passando para o campo das ocupações, aos quinze anos de idade, no mesmo período em que o autor se forma no Colégio Abílio, começa a trabalhar em um escritório no centro da cidade, mais exatamente na rua do Rosário, como corretor de navios, emprego este que conserva durante quarenta anos, acumulando depois o cargo de despachante da Alfândega.

O autor atribui a João Delduque, chefe do escritório de corretagem em que trabalhava, o seu interesse pela história pitoresca da cidade do Rio de Janeiro, o que o teria levado, mais tarde, a procurar livros de autores que se ocupassem das curiosidades cariocas.²⁹ Aos dezesseis anos de idade, quando residia na Lapa, o autor conheceu Santos Maia, um jovem que se interessava muito por literatura e que o apresentou a nata dos novos artistas cariocas de sua geração, como João do Rio, Carlos Góes, (que havia estudado também no Colégio Abílio), Luiz Pistarini, etc.³⁰ Estes jovens se encontravam com frequência em cafés e em saraus familiares, livrarias e restaurantes conhecidos. O convívio estreito possibilitava a troca de idéias e discussões, assim como um questionamento em relação ao estilo de vida no país, principalmente no que dizia respeito ao que significava viver na cidade do Rio de Janeiro. Pode-se dizer que saber era, além de um privilégio, um modo de vida,

²⁸ Ibid., p. 113.

²⁹ Ibid., v.2, p. 476.

³⁰ Ibid., p. 496.

associado a uma série de códigos comportamentais admirados pelo que estes possuíam de mais refinados, curiosos e originais.

Estar de acordo com a moda de Paris e em sintonia com as novidades intelectuais que vem de fora era, sobretudo, saber se destacar da vida cotidiana carioca, burguesa e pacata, através da maneira de falar, vestir e ver a vida. Consistia na busca deste destaque o elo que unia a geração de Luiz Edmundo.

Esta estava á procura de uma identidade que a diferenciase do seu passado colonial e da mentalidade prática de ganhar a vida do português, figura que aqui aparecia representando aqueles que não possuíam grandes aspirações intelectuais.

A estréia tímida do autor neste universo intelectual se dá através da iniciativa de um tio, chamado Antônio Exupério, que publica, para a surpresa do autor, uma série de trinta versos que Luiz Edmundo mantinha em segredo, em sua casa.³¹

Como o tio encaminhou alguns exemplares a alguns jornais e livrarias, Luiz Edmundo fica timidamente conhecido, sendo por isto convidado por Manoel Cardoso Junior, português que agenciava anúncios para jornais como *O País*, *Jornal do Comércio* e *Cidade do Rio*, para dirigir a *Revista Contemporânea*, que dura de 1899 a 1901.³²

De 1889 a 1900, trabalhou na *Imprensa*, de Alcindo Guanabara, passando em seguida para o *Correio da Manhã*, que Edmundo Bittencourt acabava de fundar. Neste último o autor era redator e repórter encarregado de entrevistar as importantes figuras estrangeiras que chegavam na cidade.

Publicou seu primeiro livro de versos, *Nimbus*, em 1899, logo seguido de *Turíbulos*, em 1900 e *Turnis Ebúrnea*, em 1902, reunindo-os mais tarde, no volume das *Poesias* (1906-1907). Tornou-se um poeta muito popular. Poesias suas, como o soneto “Olhos tristes”, eram declamadas nos salões da época.

Durante este período, 1899-1902, surge com força total, na França, o movimento simbolista, rapidamente incorporado pela geração de 1900. Os homens de seu tempo estão preocupados em criar uma arte totalmente nova, diferente, sobretudo, da geração romântica. Em suas *Memórias*, o autor diz que era característica de sua

³¹ Ibid., p. 503 et. seq.

³² IbidI, p. 526 et. seq.

geração “seguir modismos intelectuais que não se entendia” e que, por manter sempre a Revista Contemporânea aberta aos simbolistas, foi, durante muitos anos, tomado como tal.

Dentre os intelectuais que Luiz Edmundo admirava e conhecia, estão citados João do Rio, Olavo Bilac, Cruz e Souza, Martins Fontes e o pintor Hélios Seelinger, amigo ao qual o autor dedica suas memórias.

Apesar das características particulares de cada um, todos possuem em comum, para Luiz Edmundo o dom da “originalidade”. Todos desprezam o lado mesquinho da vida, sendo na vida boêmia que estes realmente se realizam.

À sua geração o autor atribui, entre outros feitos, a introdução dos violões nos salões da boa sociedade, o surgimento da boa e original poesia regional, que descreve tanto os tipos típicos do interior do Brasil como os tipos pitorescos das grandes cidades, quebra de antigos preconceitos coloniais e também uma nova forma de se experimentar os espaços da cidade através da solidificação de suas transformações modernas, com novos gostos, novas modas e um novo estilo de vida.

Lá por meados da primeira década do século XX, mas precisamente entre os anos de 1913 e 1915,³³ quando o autor trabalha como pesquisador e correspondente para o Jornal *Correio da Manhã*, O boêmio volta a suas atenções para a pesquisa do passado, buscando respostas para o porquê do desenvolvimento da mentalidade colonial carioca e suas antigas características urbanas. Voltou seu interesse para o século XVIII e imaginou um vasto painel do Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis.

Foi á Portugal, pesquisou em arquivos, bibliotecas e conventos de província, depois à Espanha, reunindo material, inclusive iconográfico, para as obras que iria escrever. Encetou a crônica do passado, em *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis* e *A corte de D. João no Rio de Janeiro*, e também da vida de sua cidade no tempo em que lá viveu, em *O Rio de Janeiro de meu tempo* e nas suas *Memórias*.

Para o presente trabalho proponho como exercício a observação de duas das obras do autor. O livro *O Rio de Janeiro do meu tempo*³⁴, publicado em 1938, quando o autor possui sessenta anos, mostra uma visão mais crítica a respeito do

³³ Ibid., v. 4, p. 1.037. et. seq.

³⁴ Id., *O Rio de Janeiro do meu tempo*, v. 1.

aspecto colonial, tanto no que tange a aparência física da cidade de sua meninice quando no que toca aos hábitos retrógrados, como o autor preferiria dizer, coloniais, de sua população.

O primeiro volume desta obra, principalmente, procura demonstrar como o Rio de Janeiro melhora em seu aspecto físico e social por um esforço de mudança de mentalidade grande de “modernos” como Pereira Passos e Osvaldo Cruz, que não só reformularam fisicamente a cidade assim como modificaram os hábitos de higiene da população, tornando o espaço urbano mais habitável e apreciável para seus moradores.

Sua geração aparece, aqui, como aquela que foi privilegiada por estas mudanças, podendo observar, assim, a cidade com mais imparcialidade, e, por conta disto, sendo capaz de criar, para ela, e para a sua própria geração, uma nova identidade.

Como figura de impacto o autor utiliza a descrição. Observamos a cidade em dois momentos: antes e depois das reformas de Pereira Passos. A conotação da mudança é totalmente positiva e a população “melhora” junto com o aspecto urbano das suas ruas.

O autor funciona, neste contexto, como um espectador das mudanças de sua cidade, possuindo, assim, uma participação histórica importante: a de notar as diferenças entre o seu tempo e o tempo de seus pais.

Já em suas *Memórias*³⁵, publicadas quando o autor possui oitenta anos, mas escrita provavelmente quando o autor está na faixa dos setenta anos³⁶, Luiz Edmundo recorre ao primeiro volume do livro *O Rio de Janeiro do meu tempo*, para descrever a cidade de sua infância e sua adolescência. Ao longo da narrativa, na medida em que

³⁵ EDMUNDO, L., *De um Livro de Memórias*..

³⁶ Edmundo* recorre, em determinados momentos á sua lembrança e em outros aos seus diários de época. Com isto, as vezes a narrativa se dá no presente, momento em que o autor está vivendo, (e que na maioria das vezes não é especificado), ponto em que utiliza diários. Em outras vezes, ao recorrer á sua lembrança, a narrativa aparece no passado, mas com datas muito vagas. O autor, no ano de 1946, vai ao centro da cidade para comemorar com o amigo Hélios Seelinger 50 anos de amizade. Possuía nesta época o autor 68 anos. Como este episódio se encontra no terceiro volume de suas memórias, penso o autor ter reunido o material para a sua compilação ao longo de seus 70 anos. EDMUNDO, L., *De um livro de memórias*, v.3, p. 713.

os volumes vão sendo lidos, contudo, pode-se notar como a visão do autor em relação ao passado de sua cidade, (seu passado colonial e imperial), vai se modificando, se abrindo.

Os últimos dois volumes de suas memórias todos, praticamente, se passam em Portugal. O autor, naquele país, reencontra a sua infância ao se deparar com uma cidade que já fôra a cara do Rio de Janeiro dos tempos por ele chamados de “coloniais”. A visão da cidade, inesperadamente, ao contrário do que poderia se supor é doce, poética, nada crítica. O autor sente saudades de alguns aspectos daquela cidade de “antes da modernidade”, principalmente daqueles que mais se alongou a criticar em *O Rio de Janeiro do meu tempo*.

A comparação destas duas visões da cidade nestas duas obras, somadas á euforia e a um posterior balanço, visão crítica de si e de sua geração, permitirá a construção de um conceito de Modernidade que seja mais apropriado de ser apreendido pelos textos do autor. Do que se trata, como se caracteriza e no que consiste ser moderno, para ele, nos levará a um Rio de Janeiro muito particular. O maior exercício do presente trabalho é o de demonstrar que o tempo do Rio de Janeiro de Luiz Edmundo se pretende atemporal, pois é o tempo da Modernidade e esta, para o autor, é inevitável e contínua.